

Inforleite

A REVISTA DO SETOR LEITEIRO

NÚMERO 31 - DEZEMBRO 2012



LEITE EM JOGO

Custos crescentes de produção, importações, margens reduzidas e investimentos adiados marcaram este ano que se encerra. O que devemos esperar para 2013? Uma análise da atualidade e opiniões de quem atua diretamente neste cenário

É preciso atitude!

Mais um ano o Nordeste brasileiro passou por uma dramática seca. Aqui, uma discussão sobre como enfrentar essa crise

Muito além da genética

Todas as rotinas de fazendas altamente tecnificadas e, é claro, muita genética. Conheça tudo o que foi visto no Showcase Alta Genetics

Chegou o calor. O que fazer?

Como avaliar se uma vaca está sofrendo com o calor? Esta completa matéria traz soluções para enfrentar o verão



NUTRIÇÃO

Alexandre M. Pedrosa
Pesquisador
EMBRAPA Pecuária Sudeste



VACAS RECÉM-PARIDAS

O dilema entre produção e sanidade

O parto é o momento mais estressante do ciclo produtivo de uma vaca leiteira. São tremendas as alterações fisiológicas que os animais enfrentam na preparação para o parto e início de uma nova lactação. Por isso, o manejo nesses primeiros 20-30 dias pós-parto deve focar no conforto e sanidade das vacas

Nas minhas andanças por aí o tema "Manejo de vacas recém-paridas" sempre surge nas discussões técnicas, e ainda há muitas opiniões divergentes sobre o tema. Como devemos cuidar das vacas nos primeiros 30 dias pós-parto? Eu tenho uma opinião bem definida e vou tentar compartilhar esse conceito com os leitores nesse curto espaço.

Certamente o parto é o momento mais estressante do ciclo produtivo de uma vaca leiteira. São tremendas as alterações fisiológicas que os animais enfrentam na preparação para o parto e início de uma nova lactação. E quanto mais produtiva for a vaca, mais complicado é esse processo, pois a demanda de nutrientes para a síntese de colostro e leite é muito grande. Toda vaca leiteira entra num período de balanço energético negativo, que tem um grande impacto sobre o desempenho e sanidade do rebanho. Um grande levantamento de dados produtivos de vacas leiteiras nos EUA, feito durante um período de 5 anos por uma equipe da Universidade de Minnesota, que envolveu mais de 624.000 descartes de vacas feitos em mais de 5.700 rebanhos, mostrou que 25% dos descartes acontecem nos primeiros 60 dias pós-parto. Ou seja, o risco de ocorrência de problemas nessa fase é enorme.

Em função disso, será que devemos "acelerar" as vacas nesse período inicial da lactação, correndo o risco de impor a elas um desafio ainda maior do que o que elas já têm por causa do balanço energético negativo? É sabido que a produção total de uma vaca leiteira numa lactação é diretamente depen-

dente do quanto essa vaca produz no pico de lactação, e maximizar a produção no pico é o objetivo de toda fazenda, mas será que devemos perseguir isso a todo custo? Até porque se a vaca sofrer com algum distúrbio metabólico nesse período, o pico de lactação certamente será bastante comprometido.

Saúde antes de tudo

Eu entendo que nas primeiras 3 semanas pós-parto, que ainda compreendem o chamado período de transição, temos que focar mais na sanidade das vacas, do que em maximizar a produção de leite. Se dermos a elas as condições adequadas para se recuperarem do parto de forma eficiente, maximizando o consumo de alimentos com menor stress metabólico, poderão expressar todo o seu potencial produtivo, sofrerão menos com os distúrbios metabólicos e, muito provavelmente, apresentarão ótimos índices reprodutivos.

Na verdade, o manejo das vacas recém-paridas começa no pré-parto. Com a proximidade do parto o metabolismo da vaca passa a sofrer uma série de alterações hormonais, com o objetivo de preparar o animal para o parto. As mudanças mais importantes são aumentos nas concentrações sanguíneas de estrógenos, prolactina e hormônio do crescimento (GH), e reduções nas concentrações de progesterona e insulina. Junto a essas alterações hormonais ocorre uma redução na ingestão voluntária de alimentos, o que caracteriza o problema mais crítico das vacas nessa fase, e um dos aspectos mais importantes do manejo de vacas em transição. Essa queda no consumo, associada ao

aumento nas exigências energéticas para atender a demanda do feto, e posteriormente da síntese de colostro que se inicia nos dias que antecedem o parto, impõe às vacas a condição de balanço energético negativo (BEN), onde a demanda energética passa a ser maior que o suprimento disponível. Essa condição permanece no início da lactação, o que complica bastante o manejo das vacas nessa fase. Acredita-se que essa queda na ingestão de alimentos tenha relação direta com as alterações hormonais que ocorrem nessa fase, e também ao próprio crescimento do feto, que passa a ocupar mais espaço na cavidade abdominal, comprimindo o aparelho digestivo.

Desafios da transição

Essas mudanças fisiológicas que ocorrem no Período de Transição resultam em grandes dificuldades para a vaca, de forma que o manejo dos animais nessa fase representa um grande desafio para técnicos e produtores. Além do aumento no tamanho do feto, nos dias que antecedem o parto a vaca começa o processo de síntese do colostro, o que determina um grande aumento na demanda por glicose, aminoácidos e outros nutrientes. O grande problema é que esse aumento na demanda não é compensado por um aumento no consumo de alimentos, muito pelo contrário. Com isso, a vaca entra em BEN e fica muito mais suscetível aos distúrbios metabólicos no início da lactação. Para que as vacas iniciem bem a nova lactação, um aspecto muito importante do manejo pré-parto é tentar minimizar os efeitos da redução de consumo.

NUTRIÇÃO



Se juntarmos as vacas recém-paridas num lote específico, podemos monitorar a sua rotina com mais cuidado, podendo identificar problemas antes que o prejuízo seja grande

A ideia é compensar de alguma forma essa queda na ingestão de alimentos de forma que a ingestão de nutrientes, especialmente energia, não seja tão prejudicada. Uma estratégia lógica é aumentar a oferta de concentrados, especialmente fontes de carboidratos não fibrosos (CNF), como milho, sorgo, polpa cítrica, etc. Mas o ideal é oferecer volumosos de altíssima qualidade, com alta digestibilidade, de forma que a ingestão de energia seja elevada, sem impor à vaca riscos significativos de sofrer de acidose, por exemplo. Aumentar um pouco a oferta de CNF junto com um volumoso de alta digestibilidade é a melhor alternativa. O objetivo nessa fase é manter o teor de energia da dieta das vacas entre 1,45 e 1,60 Mcal/kg MS. Após a parição o objetivo é acompanhar de perto as vacas. Nessa fase de adaptação à nova lactação, em que estão altamente suscetíveis aos distúrbios metabólicos, as vacas demandam muito cuidado e atenção. Estão

com o sistema imune deprimido, não conseguem comer tudo o que necessitam, precisam mobilizar reservas gordurosas para atender à demanda energética, enfim, estão em situação bastante estressante. Se juntarmos as vacas recém-paridas num lote específico, podemos monitorar a sua rotina com mais cuidado, podendo identificar problemas antes que o prejuízo seja grande.

O papel da nutrição

O foco do manejo das vacas nos primeiros 20-30 dias de lactação deve ser no conforto e na sanidade. Não importa o sistema de produção – pasto ou confinamento – as vacas recém-paridas precisam ser tratadas “a pão-de-ló”. O conforto nas instalações onde irão ficar é fundamental. Manter a saúde do rúmen também, de forma que as dietas dessas vacas devem ser menos agressivas do que as do lote de alta produção. Costumo trabalhar e recomendar o uso

de pelo menos 28% de FDN na dieta (em base matéria seca) dessa categoria, prestando muita atenção à fibra fisicamente efetiva da dieta. Se o volumoso for silagem de milho, é altamente recomendável inserir alguma fonte de fibra longa – feno, bagaço de cana, etc. – para estimular a mastigação, pois a fração fibrosa da silagem de milho pode ser de alta digestibilidade, com pouca efetividade física para estimular a mastigação. Como sabemos, a produção de saliva é totalmente dependente da atividade de mastigação, e a saliva é o principal agente controlador do pH ruminal. Como regra geral costumo acrescentar cerca de 1kg de MS de uma boa fonte de fibra longa nas dietas à base de silagem de milho. Muita gente me pergunta sobre o uso de gordura suplementar para esse grupo, como forma de fornecer mais energia. Entendo que é uma estratégia interessante, mas alguns cuidados devem ser tomados, pois gordura em

excesso pode deprimir o consumo, o que é desastroso nessa fase. Se o teor total de gordura na dieta não for maior do que 5,5% (teor de EE na MS total) não haverá riscos. Se a fonte de gordura suplementar for inerte, é possível usar um pouco mais, mas é preciso monitorar muito bem o consumo desse lote. Fontes de gordura insaturada normalmente interferem muito mais com o consumo, de forma que o uso de grãos de oleaginosas, como a soja ou algodão, deve ser analisado com muito cuidado, respeitando os limites de inclusão recomendados. De maneira geral as vacas precisam de 1,1 Mcal de energia metabolizável por kg de leite, fora a manutenção, esse valor deve ser usado como parâmetro de referência para a formulação das dietas.

Com relação à nutrição proteica, eu tenho defendido enfaticamente a redução nos níveis de proteína bruta (PB) das dietas, e nesse caso não é diferente. Os excessos devem ser evitados, mas

é preciso atender corretamente os requerimentos das vacas. A grande questão é que esses requerimentos não são por proteína bruta, mas sim por proteína metabolizável. O foco na manutenção da saúde ruminal está totalmente alinhado com o foco na maximização da síntese de Proteína Microbiana (PMic), que é a principal componente da fração PM. Para tal, como eu sempre falo em meus artigos e palestras, a produção de PMic depende diretamente da disponibilidade de PDR. Segundo o NRC (2001), para maximizar a síntese de PMic, a quantidade de PDR na ração deve ficar em torno de 12% da MS total, desde que o suprimento energético também seja adequado. De maneira geral, as vacas leiteiras precisam de 45 g de PM por kg de leite produzido, fora os requerimentos de manutenção. Esse valor também pode ser usado como parâmetro para formular adequadamente as dietas das vacas.

Se o manejo nesses primeiros 20-30



UMA DICA

As dietas das vacas recém-paridas devem ser menos agressivas do que as do lote de alta produção. Costumo trabalhar e recomendar o uso de pelo menos 28% de FDN na dieta (em base matéria seca) dessa categoria, prestando muita atenção à fibra fisicamente efetiva da dieta.

dias pós-parto for feito dentro desse conceito, focando no conforto e sanidade das vacas, especialmente na saúde do rúmen, as vacas terão uma condição muito favorável para responder muito bem quando entrarem no lote de alta produção. Minha experiência pessoal com essa estratégia é muito positiva, principalmente em rebanhos de alta produção. ●

AS INFORMAÇÕES MAIS IMPORTANTES DO MERCADO DO LEITE TIRADAS DAS MELHORES FONTES.

Se você quer estar por dentro de tudo o que acontece no mercado de leite, acesse o portal **MilkWorld**. Notícias, artigos, cotações, eventos e muito mais. Buscamos as informações mais frescas, diretas da fonte. E toda essa credibilidade leva a marca da **Editora AnimalWorld**, que atua há mais de 10 anos no mercado. É conteúdo de alto nível para quem lê e investimento de retorno certo para quem anuncia.



MILK WORLD
O Mega Portal do Leite Brasileiro

www.milkworld.com.br

ANIMALWORLD®